

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS**

MUSICALIDADE E PERCEPÇÃO MUSICAL

MARIA LUIZA GONÇALVES ADNET

**RIO DE JANEIRO
2004**

MUSICALIDADE E PERCEPÇÃO MUSICAL

por

MARIA LUIZA GONÇALVES ADNET

Monografia apresentada ao Instituto
Villa-Lobos da Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro para a
obtenção do grau de Licenciada em
Educação Artística – Habilitação em
Música

Professor Orientador: HELDER PARENTE

RIO DE JANEIRO
2004

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Arthur e Cezar (marido e filho), pelo carinho e compreensão, à professora Silvia Sobreira pelas valiosas contribuições, ao meu querido orientador professor Helder Parente, à professora Mônica Duarte, à professora Adriana Miana, ao professor José Wellington, aos alunos entrevistados e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta pesquisa.

Resumo

Esta monografia refere-se a uma questão subjetiva que é a Musicalidade, e à disciplina Percepção Musical, tão importante para o estudo de música. Questiona o fato de muitos alunos da faculdade de música terem tanta dificuldade de ouvir, perceber e reproduzir e investiga sobre o que é necessário para ser considerado “musical” ou de boa musicalidade. Este trabalho foi realizado por meio de entrevistas com alunos e professores que vivenciam o assunto, uma vez que há pouquíssima literatura sobre o tema.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – Pequeno histórico musical dos alunos entrevistados.....	3
Pergunta 1: Tem músicos na família?.....	3
Pergunta 2: Desde quando a música está presente na sua vida?.....	4
Pergunta 3: Quais os estudos de música anteriores à faculdade?.....	6
Pergunta 4: O que toca? Canta?.....	8
Pergunta 5: Trabalha com música profissionalmente?.....	9
Pergunta 6: Quais os atributos necessários para que um aluno da faculdade de música seja considerado “musical” ou de boa musicalidade?.....	10
Considerações	12
CAPÍTULO 2 – Sobre a disciplina Percepção Musical.....	14
Pergunta 1: Interesse, concentração e memória.....	14
Pergunta 2: O que é captado com mais facilidade?.....	17
Pergunta 3: Tem dificuldades? Quais são?.....	18
Pergunta 4: Alguma solução para um melhor aproveitamento da disciplina percepção musical?.....	19
Considerações.....	20

CAPÍTULO 3 - Entrevista com os professores da disciplina Percepção Musical.....	22
Pergunta 1: Qual a importância da disciplina percepção musical na formação do músico?..	22
Pergunta 2: Quais os atributos necessários para que um aluno da faculdade de música seja considerado “musical” ou de boa musicalidade?.....	25
Pergunta 3: Musicalidade e percepção musical estão diretamente ligadas?.....	28
Pergunta 4: As aulas de PEM, nos primeiros níveis, não apresentam grandes dificuldades. Mas com o tempo vão naturalmente aumentando o grau de dificuldade. As dificuldades dos alunos vão surgindo, variando é claro de aluno pra aluno. Que dificuldades são essas e quais os motivos?.....	30
Pergunta 5: Qual a conduta do professor diante de tais dificuldades?.....	33
Pergunta 6: Há alguma solução para a diminuição dessas dificuldades? (seja analisando a história musical de cada aluno que ingressa na faculdade, distribuindo esses alunos formando turmas homogêneas...)	35
Considerações.....	38
Conclusão.....	41
Dados dos alunos entrevistados.....	42
Bibliografia	44

Introdução

“...Se você insiste em classificar meu comportamento de antimusical...” (Tom Jobim e Newton Mendonça).

Quando precisei definir qual seria o tema da minha pesquisa, vinha em minha cabeça a palavra musicalidade. Comecei a pensar sobre famílias de músicos, já que a minha família tem um monte deles. Queria entender de onde vem essa tal musicalidade, será que é genético, que se adquire no ambiente que nos rodeia, será que se desenvolve com o interesse e pela prática musical mesmo não tendo nascido numa família de músicos? E as perguntas não paravam de brotar...

Resolvi falar sobre o assunto com a Silvia Sobreira que me deu a maior força e a idéia de pesquisar o por que da dificuldade dos alunos, (no caso da faculdade de música), com relação à disciplina Percepção Musical. Tentar entender porque uma pessoa que pode ser super talentosa musicalmente no palco, por exemplo, na hora de ouvir, perceber, reproduzir tem tanta dificuldade.

Comecei então a tentar relacionar Musicalidade com a disciplina Percepção Musical. Fiquei pensando que talvez, o aluno que tem dificuldades se sente desconfortável por pensar que está sendo testado musicalmente e conseqüentemente isso pode abalar sua auto-estima musical. De repente há muito interesse por parte do aluno com relação à disciplina, mas há esse desconforto, uma impressão de que a musicalidade está indo embora e que por isso não consegue perceber nada.

Esta pesquisa é baseada em entrevistas. Entrevistei 10 alunos da faculdade de música da Unirio, os professores da disciplina Percepção Musical, (Adriana Miana, Helder

Parente e José Wellington), e a professora do curso de TEPEM Silvia Sobreira. Pretendo descrever situações particulares dos alunos, dificuldades e facilidades ligadas à disciplina Percepção Musical, tentar entender o porque das dificuldades com relação à disciplina, saber um pouco da história musical de cada um, investigar quais os atributos necessários para que um aluno da faculdade de música seja considerado “musical” ou de boa musicalidade, encontrar um meio de obter um melhor aproveitamento da disciplina Percepção Musical, descobrir se há ou não relação entre Musicalidade e Percepção Musical e saber dos professores suas opiniões sobre o assunto.

Considero o tema relevante uma vez que numa faculdade de música, tudo gira em torno do talento, da potencialidade musical que tem a ver com Musicalidade. No que diz respeito à Percepção Musical, disciplina super importante para o estudo de música, destaco a importância da história musical de cada aluno, a relação que cada aluno tem com a música e como isso irá refletir na hora de cursar a disciplina.

CAPITULO 1 – Pequeno histórico musical dos alunos entrevistados.

Neste capítulo exponho um pouco da história musical dos alunos entrevistados, além de suas opiniões sobre os atributos necessários para que um aluno da faculdade de música seja considerado “musical”. Com as perguntas formuladas, quis saber dos alunos se a música sempre esteve presente em suas vidas, se há outros músicos na família, se trabalham com música profissionalmente e sobre seus estudos anteriores à faculdade.

Pergunta 1 – Tem músicos na família?

Gabriel Santiago – Sim. Meu pai é compositor e violonista, mas não é profissional. Minha mãe estudou piano por vários anos e é afinada.

Antonia Campello Adnet – Minha família basicamente só tem músicos. Meu pai, meus tios (dos dois lados), avós, etc. Quem não faz da música sua profissão, a tem no mínimo como hobbie.

Maria Inês Adnet – Sim, muitos.

Júpter Martins de Abreu Junior – Não. Meu irmão começou a tocar depois de mim.

Arthur Bava – Não. Tenho um irmão que é baterista mas que começou a tocar depois de mim. Meus pais são afinados, meu pai tocava violão.

Alessandra Frederick – Minha avó, quando era jovem, cantava e meu bisavô, pai dela, tocava violino. O avô tocava violão e a mãe piano. Mas na minha família, vivo, não tem nenhum músico.

Elisa Bondin Ador – Tenho um tio e uma tia que são cantores, mas não são profissionais.

Themystocles Vieira de Andrade – Sim. Minha mãe é cantora, meu pai é trompetista, meu irmão toca trombone e trompa e meu outro irmão toca violão.

Tina Werneck – Não.

Raul D'Oliveira – Não. Nem amador e nem profissional.

Pergunta 2 – Desde quando a música está presente na sua vida?

Gabriel Santiago – Meu contato com a música veio desde cedo por causa do meu pai, desde pequeno já ouvia muitos discos.

Antonia Campello Adnet – Na verdade, eu não me lembro da minha vida sem música. Comecei a tocar violão com 6 anos de idade e continuo até hoje. Portanto não lembro de nada antes disso...tive muita influência de toda a família, principalmente dentro de casa, onde nunca faltou oportunidade de escutar muita música boa.

Maria Inês Adnet – Desde criança. Minha mãe tocava piano e eu e minha irmã mais velha dançávamos ao som de Debussy e Chopin. Mais tarde, meu irmão, dois anos mais velho, começou a estudar violão e logo depois a compor, formar bandas e a se apresentar em festivais. Peguei carona, sempre ouvindo e me interessando cada vez mais, até que comecei, aos 17 anos a cantar em coro e a estudar flauta transversa.

Júpter Martins de Abreu Junior – Desde os 16 anos, antes disso sempre quis tocar instrumentos, mas não tive oportunidade.

Arthur Bava – Desde os meus 20 anos, quando fazia faculdade de Matemática e gostava de ver um amigo tocar guitarra, ficava junto com ele cantando nos intervalos das aulas e um dia este amigo me chamou para assistir o ensaio de sua banda. Fui assistir e participei cantando um pouco, gostei muito de cantar e resolvi que queria ser músico. Eu e esse amigo

começamos a tocar juntos. Comecei tocando teclado e depois violão, tocava de orelhada e conhecia as cifras porque meu pai tinha muitas revistinhas de violão.

Alessandra Frederick – Desde que eu era neném. Minha mãe sempre cantava para mim, embora se achasse desafinada, cantava assim mesmo. Cantava músicas em alemão, porque minha família tem uma tradição alemã. Na escola eu tinha aula de música, e comecei a fazer aulas de flauta doce quando tinha oito anos.

Elisa Bondin Ador – Desde sempre. Meus pais sempre ouviram muita música e eu comecei a cantar com uns dez anos.

Themystocles Vieira de Andrade – Desde pequeno, minha mãe que era cantora de ópera estava sempre cantando em casa, o pessoal tocando sempre. Cresci num ambiente musical.

Tina Werneck – Desde que eu tinha doze anos quando aprendi a tocar violão com meu irmão, que nunca foi profissional, aprendi a tocar várias músicas que gostava na época.

Raul D'Oliveira – Com 11 anos comecei a ter aulas de violão. Eram aquelas cifras mais simples do mundo, não aprendi nada de teoria, não desenvolvi meu ouvido e não era um hábito ouvir música em casa, a não ser rádio. Parei de tocar violão e resolvi tocar baixo elétrico, achei interessante o fato de o baixo elétrico ter quatro cordas, diferente da guitarra que tem seis, não sabia nem qual era o papel do baixo. Com 17 anos tive a oportunidade de comprar um baixo elétrico, comecei a aprender meio de qualquer jeito e através de um professor, fui estudar contrabaixo acústico. Nessa época estava fazendo faculdade de jornalismo, meio sem ter certeza do que queria. Achei que tocar rock no baixo elétrico não ia me levar a lugar algum. Fiquei sabendo do curso de TEPEM da UNIRIO que preparava para o vestibular e me inscrevi. Estava com 20 anos e nunca tinha feito ditado e solfejo na vida.

Pergunta 3 – Quais os estudos de música anteriores à faculdade?

Gabriel Santiago – Estudei violão erudito por quatro anos em Ilhéus que é minha cidade, foi quando tive meu primeiro contato com o estudo sério do instrumento e estudei muita coisa sozinho também. Tive contato com um músico de São Paulo que foi quem me apresentou a linguagem do jazz e da bossa nova, tínhamos um grupo e nessa fase houve um aprendizado informal de minha parte por estar sempre tocando, ensaiando e comecei a me interessar pelo material tocado e a buscar livros... Depois fiz um curso preparatório com uma professora de Ilhéus para fazer o vestibular aqui.

Antonia Campello Adnet – Tive aula de violão particular durante algum tempo, parei, voltei, parei de novo, enfim...Mas meus estudos sempre foram na base do ouvido, de escutar, tirar músicas, compor e arranjar. Quase não estudei teoria musical até o ano do vestibular (2002). Durante todo esse ano tive aulas particulares de teoria uma vez por semana e passei para a Unirio.

Maria Inês Adnet – Cursos particulares de percepção musical, solfejo e teoria musical, além de flauta transversa, durante três anos e meio, em uma escola de música em Viena, Áustria.

Júpter Martins de Abreu Junior – Aulas de violão, aulas de baixo elétrico, Escola Villa-Lobos e TEPEM.

Arthur Bava – Logo que comecei a cantar na banda do meu amigo, comecei a ter aulas de canto. Foram sete anos de aulas de canto. Nessa época resolvi entrar para a faculdade de canto lírico da Universidade Estácio de Sá e para isso fiz um curso preparatório de conhecimentos musicais. Fiz canto na Estácio durante dois anos, parei e resolvi fazer Licenciatura na Unirio e fiz o curso de TEPEM para tal.

Alessandra Frederick – Aulas de música na escola, aulas de flauta doce aos oito anos e comecei a estudar piano aos doze anos. Estudei um pouco na Escola de Música Villa-Lobos. Na verdade nunca me empenhei muito nos estudos de música, a não ser quando me decidi a fazer faculdade de música.

Elisa Bondin Ador – Não existiram. Fiz um curso preparatório para fazer vestibular.

Themystocles Vieira de Andrade – Fiz cursos livres em piano, depois o curso técnico em piano na faculdade lá na minha terra que é o Amazonas. Depois disso fiz prova para ser Sargento-Músico da Marinha e participar da Banda de Fuzileiros tocando clarineta.

Tina Werneck – Meu irmão me ensinou a tocar uns acordes no violão, então fiquei interessada no instrumento. Comecei a estudar violão clássico com 15 anos, mas a teoria era muito difícil para mim. Mas aprendi a teoria e segui estudando violão clássico até os 19 anos, o que me deu uma boa base de leitura. Fui fazer desenho industrial na PUC e entrei para o coral de lá onde conheci a Lídia Podorovsky que me convidou para cantar em seu madrigal, foi uma ótima experiência. Aos 20 anos me deu vontade de tocar viola, ninguém começa a tocar esse tipo de instrumento tarde assim, mas quis tocar e conheci pessoas que me indicaram o Conservatório, me emprestaram uma viola e lá fui eu. Estudando viola a barra pesou, porque o instrumento é muito difícil. Com dois anos estudando viola, prestei vestibular para UNIRIO em 93, e como eu tinha muito conhecimento teórico, pelo violão e pelo canto, passei muito bem para Licenciatura, pois ainda não tinha nível para o Bacharelado.

Raul D'Oliveira – Essas aulas de violão, de baixo elétrico... Tive aulas com bons músicos, mas que não tinham muita didática. Tinha várias informações no papel. Quando fui fazer TEPPEM, já tinha ouvido falar em muita coisa, mas era tudo muito matemático, tinha muitas dúvidas. Até hoje faço propaganda do TEPPEM. Paralelamente descobri o baixo acústico e

esse instrumento pede um mínimo de percepção, já que não tem nada marcado. Nunca tinha treinado o meu ouvido, meu ouvido era zerado. Entrei no TEPEM I, tive aula com vários professores e na primeira provinha, eu errei: o compasso do ditado, a tonalidade e praticamente todas as notas. A minha intenção era fazer vestibular no final do ano. Então comecei a fazer aulas de reforço com a Silvia Sobreira e também a aula de canto que ela dava para desafinados, além do TEPEM. No segundo semestre do ano que prestei vestibular, eu fiz: TEPEM II e III ao mesmo tempo, as aulas com a Silvia e estudava todo dia em casa. O resultado disso foi que passei em segundo lugar no vestibular.

Pergunta 4 – O que toca? Canta?

Gabriel Santiago – Violão, guitarra e um pouco de piano. Canto um pouco, sou afinado e em alguns trabalhos eu canto.

Antonia Campello Adnet – Toco violão e canto mas prefiro tocar e arranjar.

Maria Inês Adnet – Flauta transversa. Já cantei em corais e fiz alguns trabalhos como vocalista.

Júpter Martins de Abreu Junior – Baixo elétrico e um pouco de violão.

Arthur Bava – Toco violão e canto.

Alessandra Frederick – Meu instrumento é o piano, mas toco também um pouco de violão, um pouco de acordeão, de flauta doce, canto e estou aprendendo violino.

Elisa Bondin Ador – Além de cantar, estou aprendendo violão e piano.

Themystocles Vieira de Andrade – Piano, Clarineta e canto também.

Tina Werneck – Eu toco viola.

Raul D'Oliveira - Contrabaixo acústico que é meu instrumento de trabalho, mas toco baixo elétrico também. Gosto de cantar, mas não me apresento cantando.

Pergunta 5 – Trabalha com música profissionalmente?

Gabriel Santiago – Com certeza. Desde os 17 anos que foi quando vim para o Rio de Janeiro.

Antonia Campello Adnet – Já gravei bastante como vocalista quando era criança. Jingles publicitários, cds de programas infantis, etc. Sempre tive uma banda na qual tocava minhas próprias músicas e outras brasileiras, beatles, etc. Estive sempre ativa fazendo shows e gravando demos. Nunca parei de fazer música.

Maria Inês Adnet – Já trabalhei profissionalmente como musicista, mas atualmente trabalho ocasionalmente com produção musical.

Júpter Martins de Abreu Junior – Sim.

Arthur Bava – Sim, sou professor de música.

Alessandra Frederick – Dou aulas particulares de piano desde 99 e trabalho numa creche com musicalização infantil.

Elisa Bondin Ador – Sim. Sou cantora.

Themystocles Vieira de Andrade – Sou Sargento-Músico da Marinha do Brasil – Clarinetista.

Tina Werneck – Sim. Consegui meu primeiro trabalho formal esse ano. Fiz concurso para a Orquestra e passei.

Raul D'Oliveira – Sim.

Pergunta 6 – Quais os atributos necessários para que um aluno da faculdade de música seja considerado “musical” ou de boa musicalidade?

Gabriel Santiago – O aluno tem que ter uma vivência musical fora da faculdade. Muitas pessoas que estão aqui na faculdade, que têm um contato muito formal com a música por meio do estudo de seus instrumentos e muita preocupação com a técnica, não vivenciam a música fora da faculdade. Estar indo aos lugares, ouvindo música, fazendo shows, isso é que trás musicalidade à pessoa. Por exemplo, um guitarrista que só estuda e não sai de casa, não vai tocar com outras pessoas, será um guitarrista de apartamento. Musicalidade é um conceito muito relativo, tem gente que nunca vai entrar aqui, nunca vai ser um músico profissional e é mais musical do que muitos que estão aqui. Musicalidade é todo um processo de vida que envolve a ligação que cada um tem com a música.

Antonia Campello Adnet – Essa pergunta é difícil de ser respondida de forma objetiva. Já vi tantos tipos diferentes de musicalidade...acho que um mínimo é que o aluno seja afinado e consiga identificar o que está ouvindo no geral.

Maria Inês Adnet – Afinação e ritmo.

Júpter Martins de Abreu Junior – Muito difícil responder essa pergunta. Pelo senso comum se a pessoa é afinada, tem uma boa voz, diz-se que ela tem uma boa musicalidade. Se improvisa bem, se tem ouvido absoluto, tem boa musicalidade. Nunca uma coisa só.

Arthur Bava – É muito difícil responder essa pergunta. Um aluno da faculdade de música pode não ser musical. Acho que alguns atributos para se considerar uma pessoa musical podem ser adquiridos, outros são de ordem pessoal. Para que uma pessoa esteja capacitada musicalmente, o que não quer dizer que ela seja musical, todos os conhecimentos por ela adquiridos como a percepção, o quanto ela já ouviu de música, o quanto ela tem de prática

instrumental, vão contar para aumentar sua capacidade de se expressar musicalmente. Conheço gente que toca guitarra porque aprendeu a tocar, mas isso não as torna musicais. A musicalidade está relacionada a algo subjetivo, abstrato, uma sintonia... Algumas pessoas são capazes de sintonizar e canalizar essa energia de forma personalizada. A musicalidade não pode ser generalizada no sentido de tentar defini-la. Musicalidade talvez seja a personalidade musical de cada um.

Alessandra Frederick – Eu acredito que isso em parte vem da família, acho que a criança que nasceu já escutando música e que vive num ambiente que tem um hábito musical, terá mais facilidade para a música.

Elisa Bondin Ador – Que ele seja capaz de encontrar a tonalidade. Acho que é o suficiente para um começo.

Themystocles Vieira de Andrade – Uma pessoa que toca muito bem, que lê muito bem e que tem muita técnica, é um “virtuoso”, isso não tem nada a ver com musicalidade. Acho que musicalidade envolve a técnica, o domínio do instrumento, o conhecimento musical, histórico, social, cultural e econômico com uma pitada do sentimento de cada um.

Tina Werneck – Para começar tem que ter um bom ouvido. Mas tudo vai depender do conhecimento, do ritmo, da esperteza, do que toca, cada um tem uma especificidade. Em geral é a pessoa que consegue reconhecer, repetir uma melodia, uma célula rítmica, consegue batucar, harmonizar e ter um ouvido harmônico também. Tocar um instrumento harmônico é muito importante, tive a sorte do violão ter passado na minha mão primeiro, me ajudou muito.

Raul D’Oliveira – Acho que em primeiro lugar, a pessoa tem que estar atuando, fora ou dentro da faculdade, cantando ou tocando, se apresentando. A versatilidade também é fator importante. Acho a musicalidade um conceito complicado, não é à toa que você está

fazendo um trabalho sobre isso. Essa coisa de talento, de vocação, são coisas semelhantes. Você tem uma semente ali. Eu sempre digo que qualquer um pode ser músico. Agora se vai ser bom músico ou não... Tem por exemplo, o cara que toca trompete na orquestra sinfônica, está tudo escrito, toca todos os estilos, é uma maneira de ser musical. Mas acho que a grande musicalidade é quando esse cara sai dali e vai tocar na gafeira, no baile ou sai no carnaval tocando de ouvido todas aquelas marchinhas. Aí acho que ele atingiu o ponto máximo. Isso não é o que busco para mim, mas acho o mais legal.

Considerações

Nesta primeira parte da entrevista podemos constatar que o fato de ter músicos na família favorece o contato com a música desde cedo. Quando me refiro à família, quero dizer o núcleo familiar ou pessoas da família de maior convivência. Dentre os que não tem músicos na família, alguns ainda assim começaram a se interessar pela música desde cedo e outros só mais tarde. No que se refere aos atributos necessários para que um aluno da faculdade de música seja considerado “musical” as opiniões variam: a vivência musical, afinação, ritmo, amplitude do repertório, domínio do instrumento, capacidade de identificar o que está ouvindo, versatilidade, entre outros.

Não há dúvida que a vivência musical, tanto a anterior à faculdade quanto a que está sendo construída dentro e fora dela, é de grande valia para o desenvolvimento do músico. Assim como a afinação e o ritmo são habilidades fundamentais para qualquer estudante de música. Já o domínio do instrumento está relacionado à técnica e à dedicação de horas de estudo e não necessariamente à musicalidade do aluno. Também é fato que quanto maior o repertório musical, melhor. Versatilidade conta muitos pontos, um bom exemplo é um

mesmo músico ser capaz de tocar na orquestra sinfônica, na gafeira, no baile de carnaval e na banda de jazz.

Existem vários fatores que irão contribuir para que uma pessoa seja considerada “musical” , crescer num ambiente musical, fazer parte de uma família de músicos, ouvir muita música, aprender a tocar um ou mais instrumentos, ter o hábito de cantar, tocar e cantar em grupo, aprender a ler e a escrever música, saber passar para o papel o que está ouvindo e por aí vai. Tudo isso vai variar de pessoa para pessoa, de acordo com a bagagem musical de cada um e do que cada um vai querer com a música, até porque uma pessoa “musical” não tem que ser músico, já o músico tem que ser “musical”.

CAPÍTULO 2 - Sobre a disciplina Percepção Musical

Neste capítulo exponho a continuação da entrevista feita com os alunos, com perguntas direcionadas à disciplina Percepção Musical. Aqui procurei saber sobre as facilidades, as dificuldades, o interesse, a memória, a concentração e se havia alguma sugestão para um melhor aproveitamento da disciplina.

Pergunta 1 – Interesse, concentração e memória:

Gabriel Santiago – Meu interesse foi muito grande porque sempre adorei e sempre fui bom aluno. Tive aulas com a Adriana Miana. Minha concentração é ótima e minha memória também. Acho que percepção lida muito com essa questão musicalidade, via alguns colegas com muitas dificuldades para perceber algumas coisas, principalmente por causa do instrumento. Toco instrumento harmônico e um ditado de acordes me favorece muito mais que a um camarada que toca violino, tenho as cores dos acordes na cabeça e estou sempre ouvindo muita música. Tem aquela velha questão do músico que toca de ouvido e o que toca por música, cidade pequena tem isso. Vai estudar música por música (partitura) ou de ouvido? Felizmente sempre aprendi pelos dois, tive a educação formal e tive esse lado de tocar, meter a cara na noite e aprender com a prática, estar tocando com um cantor que de repente puxa a música um tom acima e você tem que ir atrás. Isso tudo exercita o ouvido e me facilitou muito aqui na faculdade.

Antônia Campello Adnet – Interesse é o que não falta. Se a disciplina fosse 4 vezes na semana eu ia adorar e pelo que posso perceber ela é normalmente a disciplina preferida dos alunos, ao menos nos dois primeiros períodos. Concentração: Já senti muita falta de

concentração no primeiro período da faculdade. Às vezes eu chegava e a aula já tinha começado, então demorava para entrar no pique e escrever os ditados. Acho que entrei um pouco despreparada e levei um susto com o primeiro período, mas hoje penso que consegui alcançar um bom nível. Evoluí muito nesses 3 períodos, sinto uma diferença enorme em termos teóricos e de musicalidade. Memória: Não sei se tive dificuldade especificamente com a memória. Normalmente, o maior problema na hora de escrever ditado, era lembrar de tudo. Mas na verdade acho que para mim era muita coisa ao mesmo tempo. Lembrar da música junto com escrever, pensar em intervalos e fazer a matemática ficava confuso, mas com a prática isso também melhorou muito.

Maria Inês Adnet – Interesse muito grande. Concentração e memória: razoáveis.

Júpter Martins de Abreu Junior – Gostava, mas os resultados não eram dos melhores. Concentração e memória medianas.

Arthur Bava – Tenho interesse, mas tenho muita dificuldade. Minha concentração está relacionada àquilo que tenho gosto em fazer. O fato de eu não conseguir perceber certas coisas me tira o interesse e conseqüentemente a concentração. Minha memória é curta.

Alessandra Frederick – Sempre tive muita dificuldade em percepção. Acho a disciplina extremamente importante, por isso tenho interesse. Minha memória musical não é muito boa porque fui acostumada a ler partitura. Tenho boa concentração, mas muitas vezes durante as aulas, os alunos melhores respondiam antes de eu sequer conseguir pensar.

Elisa Bondin Ador – Entrei na faculdade para expandir minha musicalidade. Tenho memória e concentração boas. Tive muita dificuldade com a parte teórica.

Themystocles Vieira de Andrade – Fiz percepção com todos os professores e estou fazendo a última com o Helder, acho que agora estou mais próximo do que suponho que seja percepção musical. O que vi nas duas primeiras percepções, é que tudo é muito voltado

para a música ocidental Romântica. É uma coisa boa? É, porque isso também está presente no nosso universo, no meu trabalho toda hora tenho que tirar música desse tipo, é necessário. Mas no meu caso, que estou fazendo o curso de Licenciatura, tenho que ter conhecimento abrangente, não só da música ocidental Romântica ou da música modal, mas também da música indígena, do rap, do samba... A percepção deveria envolver isso tudo. O que é importante para mim, como professor, numa sala de aula? Essa é a questão. A faculdade me preparou maravilhosamente bem, no curso de percepção, para eu perceber muito bem: os modos, a harmonia e os quartetos de Bach. Aí chego no estágio, um aluno me pede para tocar um rap. Agora me diz, de que adiantou me estressar por três períodos, quase me matando para fazer as provas? Tenho muita dificuldade e essa metodologia beneficia a quem tem ouvido absoluto. O que gosto muito nas aulas do Helder, é o hábito que ele tem de cantar, por exemplo uma parlenda do nosso folclore, que a gente decora e então escreve. Isso eu acho o mais próximo do ideal.

Tina Werneck – Fiz percepção com a Ermelinda, aprendi muito principalmente a parte rítmica que era a minha falha maior. Fiz um curso de férias em Curitiba com o Gramani e ele pegava aquelas células rítmicas difíceis e a gente cantava “Atirei o pau no gato” batendo as células e tudo ficava mais fácil e gostoso, nem todo professor é artista assim! Achei que percepção foi uma matéria fundamental para o meu desenvolvimento. Minha concentração é razoável e para tocar instrumento em orquestra, que é meu caso, tem que ter muita. Tenho boa memória.

Raul D’Oliveira – Acho muito importante e dou aulas de percepção. Já preparei quatro alunos para UNIRIO e todos passaram no vestibular. Minha concentração sempre foi boa. Isso tudo vai sendo aprimorado e com o tempo tudo vai ficando mais fácil.

Pergunta 2 – O que é captado com mais facilidade?

Gabriel Santiago – Ditado Harmônico, ditado melódico. O ditado atonal é um pouco mais difícil, acho que para todo mundo, porque você está desconectado de qualquer contexto harmônico tonal.

Antonia Campello Adnet – De forma geral acho que é o ritmo, nunca vi alunos com grande dificuldade nesta parte. Mas para mim é a harmonia que dá sentido a tudo. Uma melodia acompanhada de harmonia é muito mais fácil de lembrar do que uma melodia sozinha.

Maria Inês Adnet – Melodia e ritmo.

Júpter Martins de Abreu Junior – Ritmo e timbre. Melodia e harmonia mais ou menos.

Arthur Bava – Ritmo e acordes no estado fundamental

Alessandra Frederick – Ritmo

Elisa Bondin Ador – Melodia e ritmo.

Themystocles Vieira de Andrade – Ditados a duas, três, quatro vozes e ditado de acordes para mim são mais fáceis do que uma melodia solta, talvez porque toco instrumento harmônico. Apesar de conhecer muita gente que só canta e tem um ouvido harmônico maravilhoso.

Tina Werneck – Melodia

Raul D'Oliveira - Ritmo e melodia.

Pergunta 3 – Tem dificuldades? Quais são?

Gabriel Santiago – Dificuldade sempre tem alguma. Talvez eu apanhasse um pouco naquele ditado a quatro vozes, que tinha aquela dica de escrever primeiro as vozes externas e na hora de escrever as internas, ficava a dúvida da posição delas. Foi quando a Adriana me deu o toque de ir pela harmonia e resolvi a questão indo pela regra da condução de vozes, já que estava fazendo harmonia na época.

Antonia Campello Adnet – Já tive dificuldade de concentração e de decorar os ditados, mas acho que a minha maior dificuldade é de organização. Quando ouço, sei o que estou ouvindo, sei o ritmo mas aí a música continua a ser tocada e eu perco os pensamentos, mas se tenho tempo, tudo fica muito mais claro.

Maria Inês Adnet – Harmonia, mas creio que é mais por falta de treino e dedicação ao estudo, uma vez que sempre estudei instrumento melódico.

Júpter Martins de Abreu Junior – Ditado harmônico.

Arthur Bava – Tenho dificuldade em memorizar as melodias, ditado a quatro vozes, que considero um despropósito.

Alessandra Frederick – Tirando o ritmo, o resto todo é difícil.

Elisa Bondin Ador – Ditado atonal, ditado de acordes nos últimos níveis da disciplina e ditado a quatro vozes onde tinha dificuldade de perceber algumas vozes.

Themystocles Vieira de Andrade – Minha dificuldade na percepção é ritmo.

Tina Werneck – Ritmo.

Raul D'Oliveira – O mais difícil são as coisas harmônicas, muitas vozes ao mesmo tempo.

Pergunta 4 – Alguma solução para um melhor aproveitamento da disciplina percepção musical?

Gabriel Santiago – Sim. Os alunos que têm mais dificuldade, devem ouvir mais música para treinar mais o ouvido e dessa forma estar mais preparado.

Antonia Campello Adnet - A primeira coisa acho que é o número de alunos. fiz um período em uma turma com 6 ou 7 e foi uma maravilha, nunca aprendi tanto, Já em outro período com 20 e a coisa ficou mais complicada. As aulas são muito úteis e para isso tem que ter constância. Minha sugestão é que tenha mais períodos de Percepção, pois é um exercício que só funciona se praticado sempre. A disciplina deveria ser mantida durante todos os períodos do curso.

Maria Inês Adnet – Mais tempo disponível para o treinamento do ouvido, principalmente no que diz respeito à harmonia.

Júpter Martins de Abreu Junior – Não.

Arthur Bava – Fiz aula de percepção com todos os professores da UNIRIO. Experimentei vários métodos, claro que sempre dentro de um mesmo conteúdo. O conhecimento só tem sentido se for aplicável, se fizer sentido para você. Ditado a quatro vozes e ditado atonal por exemplo, são coisas que na minha opinião não tem aplicabilidade. Seria bom se a disciplina percepção musical fosse inserida sempre dentro de um contexto musical e não um monte de conteúdos fragmentados.

Alessandra Frederick – Acho, em primeiro lugar, que os professores tem que falar para os alunos que tem facilidade darem chance para os outros responderem. Em segundo lugar deveria ter mais monitores e mais horários disponíveis.

Elisa Bondin Ador – Que os professores da faculdade se inspirem no professor José Wellington, que é um professor que leva o conteúdo da matéria para frente, mas que considera as possibilidades de cada um, o momento que cada aluno entrou na faculdade, que respeita esse desenvolvimento pessoal dos alunos.

Themystocles Vieira de Andrade – Acho que tudo precisa ser repensado no curso de Licenciatura. Todas as disciplinas, não só a percepção. Temos que aprender o que vamos realmente utilizar como professores de música de uma escola.

Tina Werneck – Minha sugestão é tornar a aula, como fazia o Gramani, uma brincadeira. A música em última instância é intuição.

Raul D'Oliveira – Mais exemplos reais de músicas. Quando tem uma certa situação harmônica, tentar mostrar uma música, nem que seja um cd. Músicas sinfônicas, ouvindo aquela estrutura toda, com vários instrumentos diferentes. Solfejos a quatro vozes. Cantar muito na aula. Dar importância ao canto.

Considerações

Nesta segunda parte da entrevista, é interessante notar que dos seis alunos que tocam instrumentos harmônicos, apenas dois encontram dificuldades com a parte harmônica da disciplina. Dos quatro alunos que trabalham com instrumentos melódicos, todos têm dificuldade com a parte que diz respeito à harmonia. Entre todos os entrevistados, os que tiveram contato com a música desde cedo, que cresceram em um ambiente musical, são os que apresentam menor dificuldade na disciplina percepção musical. Não quero com isso desprezar todo o trabalho e empenho que é exigido do estudante de música de forma geral, há muito treinamento. Vale ressaltar que o fato de não

ter um ambiente musical favorável, não exclui a possibilidade de ter um bom desempenho na disciplina.

No que diz respeito às sugestões para um melhor aproveitamento da disciplina percepção musical, observamos algumas idéias: manter a disciplina durante todo o curso; menos alunos em sala de aula; mais oferta de monitores; inserir a disciplina dentro de um contexto mais musical; mais atenção dos professores para com o desenvolvimento individual dos alunos; cantar mais; utilizar exemplos reais de música; entre outros. As duas primeiras sugestões me parecem inviáveis. Atualmente faltam professores de percepção musical e sobram alunos, o que acaba dificultando a atenção individualizada dos professores, devido a turmas cheias. A utilização de mais monitores pode ajudar, mas não resolve o problema. Outra sugestão apontada é a disciplina estar inserida em um contexto com sentido musical e não como fragmentos de música, que se relaciona com a idéia da utilização de exemplos reais de música, mais moderna e atual, abrindo mão um pouco das influências européias em prol de um repertório brasileiro. Cantar mais é sem dúvida de extrema importância para um melhor aproveitamento da disciplina, pois trabalha com percepção, reprodução, ritmo e afinação.

Por fim, algumas dessas mudanças sugeridas poderiam fazer parte de uma reforma curricular que levasse mais em conta o perfil do aluno e buscasse melhores soluções por meio da integração de outras disciplinas afins.

CAPÍTULO 3 – Entrevista com os professores da disciplina Percepção Musical.

Neste capítulo procurei saber as opiniões dos professores sobre os atributos necessários para que um aluno da faculdade seja considerado “musical”, sobre as dificuldades dos alunos com relação à disciplina, sobre suas condutas com relação às dificuldades dos alunos, se há alguma solução para diminuir tais dificuldades e sobre a importância da disciplina para a formação do músico.

Pergunta 1- Qual a importância da disciplina percepção musical na formação do músico?

Helder Parente – Costumam se referir à percepção, como talvez a espinha dorsal dos cursos, tanto de Licenciatura quanto de Bacharelado. Eu continuo achando que existe um perigo muito grande na percepção que é de as atividades de aula ficarem desligadas, por necessidade de cumprir um programa, de uma realidade do dia a dia, digamos assim. Acho muito difícil conseguir conciliar todos os interesses de todos os cursos e de todas as cabeças, mesmo porque, cada pessoa tem uma formação, com coisas boas e coisas não tão boas, única. Então até você entender mais ou menos qual é a de uma turma, já está pelo menos na metade do semestre, se é que você vai querer saber e se não quiser saber, vai vomitar conteúdo. Acho uma pena porque a matéria é percepção e emissão musical, então a parte de percepção fica uma coisa muito na base do treinamento, em inglês tem uma palavra que eu odeio, “drillyng,” treinamento quase que obsessivo. Por outro lado a parte de emissão, a parte de solfejo que continuo achando muito importante para a vida musical de qualquer aspirante a músico, é uma atividade discutível, como qualquer atividade. Já tive um colega que era professor da Casa, que dizia que não via o porque da ênfase que damos

ao solfejo, pois para ele era muito mais importante a leitura métrica, porque mesmo um músico de orquestra, recebe a partitura com antecedência podendo estudar em casa. Por outro lado, tenho um grande amigo que é compositor e professor de música, que se você pedir para ele cantar uma coisa, ele, que tem uma tessitura extremamente limitada, não consegue cantar, mas se exprime musicalmente por outras maneiras. Acho que um músico tipo normal deve ser capaz de destrinchar ou decifrar um texto musical, sem maiores problemas.

Silvia Sobreira – Primeiro, gostaria de expressar minha preocupação com o nome da disciplina, “Percepção Musical”. Este termo é muito abrangente. Embora isso não seja o foco desta pesquisa, gostaria de deixar claro que a percepção musical de um aluno é trabalhada em vários níveis em qualquer disciplina, desde que o professor tenha competência. Ao ensinar uma determinada técnica instrumental, por exemplo, o professor conduzirá o aluno à “perceber” sonoridades, efeitos, estilo, etc. As aulas de Percepção Musical, em geral, são destinadas a um treinamento específico que tem como objetivo aprimorar o ouvido musical do aluno, para que ele tenha um maior domínio sobre estruturas que são recorrentes na música ocidental. Para isso, embora o nome seja criticado, é feito um treinamento para que o aluno, exercitando-se auditivamente, possa reagir, quando necessário, de maneira rápida e competente (como por exemplo, corrigindo um acorde harmonizado de maneira inadequada, dirigindo um ensaio de grupo instrumental ou vocal, etc). Eu já tive a oportunidade, tanto como professora quanto como aluna, de ouvir, em shows, músicos excepcionais que eram péssimos alunos na aula de Percepção. Tal fato me faz ter a certeza que existe algo bastante errado na condução tanto das aulas, quanto do currículo e na avaliação da área da disciplina Percepção Musical.

José Wellington – A disciplina percepção musical é prescindível para o músico, não acho que seja algo essencial, que tenha que ser feito. Mas uma vez que você está num esquema acadêmico, a disciplina adquire uma certa importância, porque está dentro de um programa, de um currículo. Você pode ter uma prática musical fora da escola de música, ser um músico profissional e não necessariamente ter que passar pela disciplina percepção musical, mas em termos de faculdade de música a disciplina é imprescindível. O músico precisa ter um ouvido ativo. A percepção inclui também uma outra vertente que é a coisa de você ouvir e decodificar aquilo que ouve, dependendo do que você queira fazer com música, é uma habilidade importante que você tenha desenvolvido.

Adriana Miana – Acho importante o trabalho da percepção para o músico em geral, independente de estar ou não na graduação. A partir do momento que temos a possibilidade de ler e de escrever, temos a possibilidade de esmiuçar mais algumas questões internas da música, isso por um lado. Agora tem um outro lado da percepção, que é muito complexo, estamos falando de como o outro percebe. Temos alguns parâmetros de avaliação, mas não temos a totalidade. A percepção é importante porque é uma maneira de as pessoas serem mais cuidadosas na questão da audição, de ouvir o que está produzindo, de ouvir diferentes tipos de música. Acho que a percepção está na base de várias disciplinas como também dos instrumentos. Se você vai fazer harmonia sem se preocupar com percepção, sem se preocupar com a questão propriamente dita do som, você acaba trabalhando e se preocupando apenas com regras de um estilo ou colocando notas no papel, sem sequer ouvir o que está sendo produzido, e música de fato não é o que está escrito e sim o que a gente consegue ouvir.

Pergunta 2 – Quais os atributos necessários para que um aluno da faculdade de música seja considerado “musical” ou de boa musicalidade?

Helder Parente – Eu não sei o que é musicalidade e não sei como você vai definir esse termo. É um termo muito difícil de se definir. Se você disser: - Ah fulano é tão musical... pode querer dizer muita coisa diferente, pode ser porque ele canta bem, ele toca bem, tem um discurso musical interessante, acho que é basicamente por aí. Essa coisa de musicalidade e ser musical, é você ser capaz de ter um discurso musical, você se apoderar da linguagem musical e fazer dela alguma coisa que tenha significação para você e que você faça isso reconhecível para quem for ouvir. É o lance da linguagem que continuo achando que deva ser mais e mais desenvolvido em aula de percepção, em aula de instrumento enfim, o que for, que nem sempre é.

Silvia Sobreira – As opiniões a esse respeito são subjetivas. A musicalidade, para mim, pode se manifestar de diversas maneiras. A princípio, uma boa memória musical é uma das principais características de uma pessoa musical. Mas essa é apenas uma, a primeira que eu observo em sala de aula. Estou me limitando a uma opinião como se tivesse que testar um aluno em apenas uma aula e dar uma opinião. Nesse caso, observo a capacidade de memorizar. Mas volto a frisar, não é o único atributo. Se ouvir um músico em um show vou avaliar sua expressividade,(que também é uma opinião subjetiva), ajuste ao grupo, entre outros.

José Wellington – A musicalidade não necessariamente tem a ver com uma boa performance na disciplina percepção musical. Há uma seleção através do vestibular e nessa seleção já tem um mínimo de coisas que o aluno precisa dominar, o necessário para que teoricamente tenha uma certa tranquilidade no decorrer do curso. É difícil fechar isso,

pensando em termos de academia, acho muito importante que qualquer aluno que entre na faculdade já tenha uma prática musical, pois é observado que algumas pessoas se preparam para ingressar na faculdade meio em cima da hora, um ano, seis meses antes, é muito pouco. Para que o aluno tenha um domínio mínimo dos elementos, altura, ser capaz de ler um ritmo fluentemente, a prática musical, seja tocando um instrumento ou cantando, qualquer que seja ela, é necessária, se não fica uma coisa dissociada, você faz aula de percepção para nada. Existe essa dualidade, a percepção na escola é a possibilidade do aluno decodificar e passar para o papel o que está ouvindo, é um treinamento. Talvez fosse interessante que a disciplina ao invés de se chamar percepção musical, se chamasse treinamento auditivo. Existem níveis desse treinamento, algumas pessoas não entram tão bem treinadas, então elas apresentam maiores dificuldades talvez por causa disso, por falta dessa prática real e a matéria percepção musical se torna pesada.

Adriana Miana – Acho isso tão complexo... Existem estilos musicais tão diferentes... Pessoas que, por exemplo, não trabalham com música eletroacústica, terão certa dificuldade em aceitar, talvez não gostem e podem até considerar que aquilo não seja música. Uma vez coloquei para uma turma ouvir um solo de um mongol que trabalha com canto difônico, no final da aula um aluno ficou muito assustado com o que ouviu e me perguntou se aquilo era música, tudo o que é diferente causa uma estranheza. Acho que tem talvez, duas atitudes diferentes, uma são as pessoas que gostam de tudo o que é diferente e as pessoas que o diferente incomoda. É muito difícil restringir o que é “musical,” pois existem muitas maneiras de produzir e de ouvir música. A impressão que tenho é que a gente não consegue conversar sobre música dentro da Universidade. Considero importante e nunca desprezo o conhecimento atual e o passado, pois somos produto deles. Há focos diferentes de olhar música através da percepção, do instrumento, da harmonia, da análise musical,

mas isso tudo não pode fazer com que se perca o foco da música. Então ao falar sobre musicalidade, eu não sei o que, de fato, você está me perguntando, pois é muito amplo e talvez se pudesse restringir mais, poderíamos investigar mais. Tem algumas coisas que as pessoas falam sobre gente que faz isso ou aquilo intuitivamente, organicamente ou outras que falam que fulano não é musical. Fico um pouco preocupada quando ouço isso, pois que parâmetro, que referência e que avaliação são essas? Quando é orgânico quer dizer que a pessoa vivenciou e experimentou aquilo de alguma maneira e então obviamente ela reproduz o meio que ela viveu, é intuitivo porque ela tocou muito e ouviu muito? Tenho amigos, que por exemplo, não são da área de música e que são extremamente musicais, talvez porque não tenham compromisso com isso, e isso às vezes ressinto em sala de aula quando os alunos chegam e ficam um pouco, vou usar essa palavra num mal sentido pois acredito em sua grande valia, burocráticos no sentido de fragmentarem os assuntos dados. Acho que só é possível escrever quando temos um pensamento, uma linha, algo estruturado. Sinto às vezes os alunos se esforçando para escrever e peço para cantar a melodia e não tem melodia, escrevem notas isoladas sem se preocuparem com o todo, estão muito preocupados em escrever as alturas e os ritmos e às vezes o que é anacrústico se torna tético. Peço que cantem e que comparem o que estão cantando com o que estão escrevendo. É um processo difícil, inclusive foi difícil para mim, várias modificações aconteceram no decorrer da minha vida trabalhando com percepção musical, passei por uma fase que era de total fragmentação do discurso, o que importava na minha época era o ouvido absoluto. Acho que o que importa mesmo é a música e que temos que tentar apreender ou aprender com ela, apesar de saber que nunca daremos conta.

Pergunta 3 – Musicalidade e percepção musical estão diretamente ligadas?

Helder Parente – Não necessariamente. Você tem casos de pessoas que percebem tudo “bonitíssimo”, mas chega na hora de exatamente um discurso musical, “niente”. Uma vez, numa mesa redonda que me colocaram, que só tinha doutores, mestres, enfim, e eu não sabia o que estava fazendo ali e que quando comecei a me interessar por artes e ir a teatro e a concertos, dizia-se que quem sabia fazia e quem não sabia ia dar aula. Então com relação à percepção, muitas vezes a gente exige que as pessoas tenham conhecimentos que vão ser extremamente úteis para dar aula. Posso estar redondamente enganado, mas é o que eu acho.

Silvia Sobreira – Se o termo da pergunta se refere à disciplina, a resposta é não. Na disciplina faz-se um treinamento que não expande, necessariamente, a musicalidade do aluno. Eu considero um treino prático e objetivo de determinados conteúdos.

José Wellington – Eu já antecipei essa resposta. Sobre musicalidade, é importante que fique bem claro: Musicalidade não necessariamente tem a ver com treinamento auditivo, é assunto bem mais amplo. Pode ter uma pessoa que cuja musicalidade tenha muito mais a ver com a sua expressão musical e aí entram outros níveis, artísticos, níveis mais profundos, níveis inconscientes...

Adriana Miana – Se a gente não definiu de fato o que é musicalidade já fica um pouco difícil. Você tocou em diversos assuntos relativos ao que poderia ser musicalidade, quando fala de uma bailarina que se expressa musicalmente dançando com muito ritmo, mas na hora de cantar não afina, tenho um exemplo de duas pessoas que conheço que passaram pela seguinte situação: Queriam cantar num coro, mas se acharam não musicais, inferiores aos outros componentes do grupo e que não poderiam fazer parte dele. Desde então se

privaram de cantar e é óbvio que quem se priva de cantar não tem intimidade com o canto. De repente no caso da bailarina está faltando simplesmente a prática do cantar. Para mim, dentro de uma turma, existem indivíduos com suas particularidades e tento aprender com cada um, como é que ele produz significado ao que está ouvindo, qual a maneira de eu ter um melhor acesso a ele, uma melhor compreensão de ambas as partes e de discutir. Gosto muito de conversar sobre percepção e mais do que fazer um monte de ditados em sala, prefiro fazer um ou dois e discutir sobre eles, sobre como é a audição ou como podemos aprender a ouvir, tentar ouvir uma mesma coisa de várias maneiras e a relação da musicalidade com a percepção musical talvez seja, como cada um constrói significado com relação ao que está fazendo ou ouvindo. Tem alguns alunos que entram na Universidade e estão tocando seu instrumento e pergunto o que estão tocando no sentido de algum conteúdo, tem alguém que toca piano e eu peço para tocar alguma peça e pergunto qual é a função daquilo que está tocando e em geral não há uma preocupação com isso. Isso é ruim ou bom? Não tem significado? O significado é que dali em diante vão ficar mais atentos a um outro tipo de audição. Outra coisa que considero fundamental quando se está tocando ou cantando com outra pessoa, é a possibilidade de estar interagindo auditivamente, não só estar se ouvindo, mas estar também ouvindo o outro. Há pessoas que tocam em orquestra e não se dão conta que estão fazendo uma harmonia com os outros integrantes da orquestra. Porque não tentar ouvir de diversas maneiras? Acho importante que cada pessoa respeite o seu próprio ritmo e que para aumentar seu conhecimento, tenham mais flexibilidade de tentar ouvir ou experimentar algo novo. Não sei se estamos falando sobre a mesma coisa quando você fala de musicalidade e percepção musical. Para mim percepção musical não é uma questão teórica, não estamos fazendo teoria de fato, estamos sistematizando uma prática e quando isso acontece passa a ser um outro tipo de prática. Fico sempre atenta de

nunca tirar da percepção musical a questão da música, por exemplo, se alguém vai cantar uma melodia e canta as alturas e o ritmo sem nenhuma intenção de interpretação ou sem pensar sobre o texto que está lendo, não sei quanto de significado isso tem. Acontecem coisas maravilhosas em sala de aula, duas pessoas cantam uma mesma melodia e discutimos sobre a interpretação de cada um ou o que cada um quis trabalhar na melodia, nessa hora estamos falando sobre a percepção e de como cada um exprime sua musicalidade naquele momento. O aluno nunca é uma pessoa passiva, há uma relação de troca, então nunca considero que quem está ali, está de fato fazendo o que eu estou propondo, cada um filtra da sua maneira.

Pergunta 4 – As aulas de PEM, nos primeiros níveis, não apresentam grandes dificuldades. Mas com o tempo vão naturalmente aumentando o grau de dificuldade. As dificuldades dos alunos vão surgindo, variando é claro de aluno para aluno. Que dificuldades são essas e quais os motivos?

Helder Parente – Acho que estão relacionadas à história e às aptidões de cada um. Há muitos anos atrás, dei aula numa escola vocacional de classe média alta, em que se pretendia que todos os alunos tivessem obrigatoriamente aula de teoria e solfejo. Eu dizia:- Gente isso não vai funcionar, porque a partir do momento que a pessoa aprender o que ela quer e precisa, não vai querer queimar os neurônios para fazer uma coisa que ela não vai precisar. É o lance da motivação, se a pessoa não tiver uma motivação grande, nem que seja passar de ano e nem sempre essa motivação funciona porque é falsa, é imposta, não vai querer ir adiante. A motivação, para mim, tem que ser uma necessidade interna, então se a

pessoa está bem em ditado harmônico por exemplo, chegou até um ponto que ela acha que só vai precisar até ali, porque que ela vai ter que ir além?

Silvia Sobreira – Nunca dei aula de PEM, mas no TEPEM acontece algo parecido. As pessoas ouvem diferente, algumas tem um ouvido mais melódico, outras harmônico e outras rítmico. É claro que uma mesma aula não pode funcionar igual para todos. Além disso, a experiência da vida prática do aluno vai influenciar. Por exemplo, os percussionistas, em geral, não gostam da prática do solfejo, isso é natural, já que na vida musical deles essa habilidade não é requerida e portanto não treinada. Além disso existem os problemas psicológicos, o aluno se sente cobrado e testado, sente vergonha de errar um ditado ou um solfejo. Muitas vezes, os resultados das avaliações das aulas de Percepção funcionam como um “atestado” de competência musical e isso é um erro grave que só traz sofrimento inútil ao aluno.

José Wellington – Talvez alguns alunos entrem na faculdade pouco treinados. Existem dois momentos muito claros dentro da disciplina, o momento que você tem Percepção Musical e Percepção Musical Avançada. No primeiro momento, as pessoas estão mais tranquilas. Mas isso é um treinamento que requer continuidade. O nível que a gente chega, não é um nível que seja necessário para se fazer música. É bom ter o ouvido treinado? É. Mas um ouvido treinado para que? Para determinadas práticas ou para muitas práticas, você pode prescindir dessa percepção num nível mais avançado ou pode ir desenvolvendo isso à medida que for necessário para a sua prática real. Se você toca música popular, por exemplo, você tem uma coisa com seu instrumento de uma harmonia mais funcional, que é interessante para você e que fatalmente como está mais bem treinado, porque aquilo faz parte do seu dia a dia, você terá maior facilidade em perceber acordes. Claro que existem casos e casos, tem gente que trabalha com harmonia, mas não tem tanta facilidade auditiva

para aquilo. As pessoas criam expectativas ao entrar na faculdade e a matéria percepção, é a matéria que está ligada à capacidade de decodificar, de cantar e um bom treinamento auditivo pode facilitar muito a vida.

Adriana Miana – Vou discordar categoricamente de você, o que é difícil é o que a gente desconhece, então não importa o nível. Eu coordeno o curso de percepção que é o TEPeM e dou aula na graduação, e talvez as dificuldades de cada um sejam relativas àquele nível. No semestre passado, tive dois alunos com muita dificuldade de afinar com o grupo, eles não passaram no nível, mas tiveram um ganho absurdo, pois no segundo bimestre já estavam conseguindo afinar e conseguindo perceber que estavam junto com o grupo e ficaram super felizes. Eu inclusive disse a eles que o ganho que eles haviam tido foi muito maior do que muitos que estão ali apenas repetindo, eles ganharam alguma coisa que não tinham antes e agora podem sair do grupo e fazer uma nota diferente se quiserem ou afinar se quiserem. Isso é uma possibilidade de quem antes não tinha opção, quer dizer que com mais possibilidades há mais opções e isso é o que importa. Acho que as dificuldades são de cada um e em um determinado momento. Tem alunos em Percepção I que tem muita dificuldade, as pessoas quando decidem fazer vestibular para música, o que pode ser um choque para a família pois tem famílias que não tem nenhum contato com música e acham que fazer vestibular para música é fácil, fazem algumas aulas e são muito bem sucedidas no vestibular e ao começarem a faculdade levam um choque. Alguns alunos fazem relatos dizendo que suas práticas musicais melhoraram muito com as aulas de Percepção, um aluno me disse que achava que ia detestar a disciplina e no entanto era a que ele estava gostando mais, outros acham um horror, uma perseguição musical, tudo depende do momento da pessoa. Sempre digo que é importante fazer a disciplina com professores diferentes, façam

comigo mas não se esqueçam de fazer com Wellington e com o Helder, que são professores com vivências musicais diferentes e é óbvio que uma outra visão sobre a questão.

Pergunta 5 – Qual a conduta do professor diante de tais dificuldades?

Helder Parente – Varia muito. Eu costumo dizer que não abusem, porque eu sou mãe mas mesmo mãe tem limite de paciência. Eu considero que cada caso é um caso. Já tive problemas com essa atitude, porque é uma atitude pouco acadêmica, você ter que ser capaz de entregar uma turma perfeitamente nivelada para um outro professor, acho que isso não acontece, mas existem colegas que são dessa posição. Se considero que cada caso é um caso, vou considerar frequência, interesse em aula, às vezes até problemas de saúde. Esse semestre mesmo teve um rapaz que sumiu um tempo e quando apareceu disse que faltou muito porque esteve com mil problemas de saúde, esse rapaz toca piano muito bem, improvisa muito bem, fez uma prova que tirou 9,5, vou exigir frequência integral dele? Eu não consigo, sinto muito.

Silvia Sobreira – Eu gosto de estar sempre mostrando que a aula é um treino e que o importante é estar exercitando. Infelizmente, o sistema geral do ensino não permite que o aluno só treine, ele tem que fazer provas e etc. Tento compensar dificultando os exercícios nas aulas e fazendo um teste fácil. Dessa maneira eu posso exigir um mínimo de evolução e não medir pelo máximo.

José Wellington - Eu não me prendo muito com relação ao programa. Existe um programa e é em torno dele que nós professores atuamos, mas dependendo da turma, das pessoas que você tem em mãos, você pode adequar, acelerar ou deixar de fazer algumas coisas e fazer outras.

Adriana Miana – Eu tento ajudar da melhor maneira possível. Sempre peço avaliação para os alunos e a gente conversa sobre essas avaliações. É interessante dizer, que os professores não são as disciplinas da mesma maneira que os atores não são seus personagens. Se eu puder ajudar, estarei sempre à disposição, e se eu notar que em algum momento as pessoas estão perdendo o vínculo do prazer com relação à disciplina eu acho sempre bom dar um alerta. Alguns alunos do TEPPEM andaram se queixando de que aquilo estava demais para eles e que estavam angustiados, eu disse a eles que o importante é a música e se isso está angustiando, talvez fosse hora de dar um tempo, procurar uma prática musical que fizesse mais sentido naquele momento e voltar depois se quisessem. Nós estamos dentro de uma instituição que tem todo um programa a ser dado que acho que é um mínimo já que fazemos muito poucos tipos de música dentro da Universidade, sempre falo que isso não é uma faculdade de música, isso é uma faculdade de um, dois, três tipos de música, temos tão pouco acesso a tantos tipos de música que tem dentro do Rio de Janeiro, dentro de todas as regiões do Brasil que dirá do mundo, que nosso acesso fica restrito. É muito instigante ser professora e tentar ficar mais próxima possível de cada indivíduo e tentar auxiliá-lo nessa trajetória. Acho que as soluções são individualizadas e sempre falo pros meus alunos que a cantina é muito bom, vai fazer cantina I e II pois às vezes em sala de aula há muita rigidez e numa conversa informal com um colega tantas coisas podem ficar claras. Eu aprendi muito com meus colegas e ainda aprendo muito com eles, estou sempre fazendo curso de reciclagem exatamente porque temos muita coisa para ver não só da área musical, mas da área da escuta, da leitura, da área emocional que é um terreno que eu desconheço, mas sei que afeta a maneira que cada um ouve...Seria muito bom que os próprios alunos se avaliassem e tivessem também uma segunda avaliação. Nesse semestre eu propus que uma turma se avaliasse e uns foram muito rigorosos consigo mesmo e outros muito

condescendentes consigo mesmo. Toda avaliação é injusta pois nós não vamos conseguir nunca dar conta do todo, mas quando o aluno chega em sala de aula, eu digo quais são os critérios de avaliação e como eu avalio. A Percepção Musical é uma disciplina muito expositiva assim como também a disciplina de instrumento, só que na disciplina de instrumento estão ali o aluno e o professor e na aula de Percepção estão o aluno, todos os seus colegas e o professor. Uma vez numa aula, estavam todos com a partitura e um aluno cantou a melodia, perguntei aos outros suas opiniões e todos acharam maravilhoso e de fato ele cantou de uma forma maravilhosa, só que ele não cantou absolutamente nada do que estava escrito, utilizou apenas a parte rítmica e o resto foi improvisado, ninguém percebeu e são músicos e estavam com a partitura nas mãos. Claro que ele respeitou as ascendências e descendências, mas foi só. Será que ele errou? Em relação à partitura sim, mas se você tem consciência do que está fazendo, o que foi produzido pode ser aproveitado. Acho que esse é o jogo da Percepção, tomar consciência e ter uma audição crítica sobre o seu fazer, no sentido de ter mais cuidado com o que se está produzindo ou ao que se está ouvindo e a sua relação com o todo, acho que essa é uma das questões principais da Percepção musical.

Pergunta 6 – Há alguma solução para a diminuição dessas dificuldades? (seja analisando a história musical de cada aluno que ingressa na faculdade, distribuindo esses alunos formando turmas homogêneas...).

Helder Parente – Talvez uma idéia que aconteceu há pouco tempo, inspirada no feitiço de Processos de Musicalização, que se considerasse um PEM básico e depois disso alguns obrigatórios, mas que fossem temáticos, de você oferecer semestres com focos de interesse

em determinados assuntos para que os alunos então tentassem se desenvolver mais de acordo com as suas possibilidades , curiosidades e necessidades.

Silvia Sobreira – Acho que não adianta. O ideal seria que o aluno tivesse a obrigação de cumprir uma determinada carga horária, sem exigência de prova e nota, mas infelizmente isso é bastante utópico, uma vez que os próprios alunos têm necessidade de seguir o sistema educacional ao qual foram acostumados. Em geral, eles só estudam quando se marca a prova. Também sinto que os alunos, no fundo, acreditam no “dom” musical, eles fazem a aula de Percepção, mas sempre se sentem humilhados por não saberem tanto quanto gostariam e aí em vez de ir para casa e estudar ficam paralisados pensando “não dou pra isso”.

José Wellington – A solução é um bom treinamento auditivo. Isso é um ponto que a gente tem sempre discutido, inclusive agora com essa reformulação curricular, nós temos tido a oportunidade de juntar um núcleo que chamamos de núcleo de base, que é Percepção, Harmonia e Análise, que consideramos um núcleo muito importante na formação. Discutimos sempre a mesma questão que é:- Será que com o vestibular conseguimos traçar o perfil daquele sujeito que está entrando na faculdade? Achamos que não, precisaríamos de mais detalhes sobre o sujeito, uma avaliação que pudesse considerar particularidades, é complicado. Por outro lado, é importante que se tenha um tipo de perfil que queremos para o aluno que vai entrar aqui para nós. Esse nível mínimo de treinamento no que diz respeito à percepção, é muito importante, em nossas reuniões há esse consenso. Uma outra questão que temos constatado, é que o fato de ter um edital onde há um programa, orienta as pessoas como um material didático, já que não há formação musical nas escolas. Esse edital ajuda as pessoas a saberem o que precisam estudar para ingressar na faculdade. Quanto à possibilidade de formar turmas homogêneas (instrumentos melódicos – instrumentos

harmônicos): Essa é uma possibilidade que temos discutido também, acontece que ela é um pouco irreal, porque não teríamos professores disponíveis para isso, é um problema operacional. Uma outra coisa que existia que era o tal do nivelamento, o aluno se saia bem na prova de instrumento, mas não tão bem na de teoria e solfejo. Na prova de instrumento conseguia demonstrar seu nível de musicalidade colocando de pé um repertório difícil, (repertório da prova de instrumento para bacharelado), demonstrando um outro nível de percepção, que não é a percepção treinada.

Adriana Miana – Acho que não há soluções para isso. Podemos ter maneiras de solucionar algumas questões, dependendo de quais indivíduos compõem aquele determinado grupo. Tem pessoas que como trabalham mais com harmonia tem muito mais facilidade de perceber a harmonia, não sei se é bom para ela estar junto de pessoas que também percebam melhor a harmonia, talvez o interessante seja a mistura, pois desta maneira um irá prestar atenção em como o outro ouve e vice-versa. O TEPEM por exemplo, tem uma forma que gosto muito, a cada semestre revemos o programa e acho que é isso que o faz tão interessante. Estamos sempre discutindo como fazer e como cada um irá trabalhar determinado conteúdo e não tenho dúvida que todos nós crescemos muito com isso. Acho que Percepção é uma disciplina que deveria transcorrer a todos os cursos e as pessoas irem lá na medida da necessidade. Alguns alunos deixam de fazer Percepção em determinado período e voltam mais tarde com uma outra perspectiva, fazendo muito mais correlações depois de terem vivenciado outras disciplinas. Nós estamos lidando com gente e lidar com gente é um universo maravilhoso, cada um é muito diferente do outro. Acho que tem algumas propostas como a de que deveria ter testes de nivelamento na faculdade. Lá no TEPEM fazemos o seguinte: Às vezes a pessoa não está nem no nível 1 nem no nível 2, o que fazer? Vai para o nível 2 e quando achar que está ruim, volta para o nível 1. Voltar não

significa estar andando para trás, um aluno que foi reprovado em PEM, me pediu um conselho que dizia respeito às pessoas que não conseguiram atingir a média de 5 pontos para passar, disse a ele que nem sempre quem passa está indo para frente e nem sempre quem é reprovado está indo para trás. É difícil lidar com isso pois somos sempre muito cobrados, mas o que importa é nos apropriarmos desse conhecimento e isso é que é dar significado. Quando você vai tocar em algum lugar ninguém te pede um diploma, querem que você toque, se você for fazer parte de um grupo, não importa somente tocar, mas como você vai interagir também. As situações são as mais variadas e temos que lidar com cada uma delas.

Considerações

A disciplina Percepção Musical tem por objetivo o aprimoramento da escuta, da leitura, da escrita e da emissão. É muito importante para a formação musical, mas não é indispensável para que o músico tenha uma boa expressão musical.

Musicalidade, termo difícil de se definir e que cujas opiniões são bastante subjetivas, pode se manifestar de diferentes maneiras na opinião dos professores, tais como: a capacidade de ter um discurso musical; ao se apoderar da linguagem musical saber dar significado a ela; ter boa memória musical; expressividade; a capacidade de se ajustar ao grupo; a prática musical seja tocando ou cantando, entre outros. Esses atributos irão contribuir para a vida musical dentro e fora da Universidade.

Percepção Musical e Musicalidade não andam necessariamente juntas, pois há casos de pessoas que percebem tudo em sala de aula e na hora de se expressar musicalmente nada acontece. Na disciplina faz-se um treinamento que não obrigatoriamente irá expandir a musicalidade do aluno. Há também os casos de alunos que conseguem durante a aula de

percepção, expressar sua musicalidade abrindo caminho para o talento durante o treinamento.

Dificuldades estão relacionadas com a história e as aptidões de cada um. As pessoas têm motivações diferentes de acordo com suas necessidades e havendo motivação, os problemas podem ser menores. Cada um ouve de maneira diferente, por isso uma mesma aula não irá funcionar para todos. Existem também questões de cunho psicológico, o aluno se sente cobrado, testado e por estar em grupo, muitas vezes tem vergonha de errar um solfejo ou um ditado, as avaliações acabam por ter valor de “atestado” de competência musical e isso é desnecessário. Talvez alguns alunos ingressem na faculdade pouco treinados, um bom treinamento auditivo pode facilitar muito. Talvez ainda, as dificuldades de cada aluno sejam relativas ao nível da disciplina. É interessante cursar Percepção Musical com todos os professores, para ter a oportunidade de experimentar as visões diferentes da disciplina e assim poder escolher o caminho mais próximo da própria necessidade.

A conduta dos professores diante das dificuldades dos alunos é variada, pois cada caso é um caso. É difícil para o professor conhecer bem uma turma em apenas um semestre e mais difícil ainda, entregar uma turma nivelada para outro professor. Algumas maneiras que os professores utilizam para ajudar os alunos com dificuldades são: adequar o programa de acordo com a turma diminuindo o ritmo ou deixando de fazer algumas coisas e fazendo outras; exigir mais nos exercícios para na prova exigir um mínimo para a evolução do aluno; alertar o aluno ao perceber que ele está perdendo o vínculo do prazer com a disciplina, motivando-o.

No que se refere às soluções para a diminuição das dificuldades, as sugestões são: idéia de haver um PEM básico e alguns obrigatórios, mas que sejam temáticos como ocorre

em Processos de Musicalização e que ofereçam assuntos diversos para que cada um possa escolher o que mais interessar; a importância do treinamento mínimo exigido do aluno que irá ingressar na faculdade, para um melhor desempenho na disciplina; existência da disciplina durante todo o curso e o aluno ir de acordo com a necessidade; testes de nivelamento, etc.

Conclusão

Por se tratar de um número reduzido de alunos entrevistados, não tenho a pretensão de generalizar os resultados.

A disciplina Percepção Musical é basicamente treinamento auditivo, para que o aluno tenha um ouvido ativo, que possa decodificar com competência o material sonoro e não para testar musicalidade.

A disciplina Percepção Musical poderia estar mais próxima de uma realidade musical. É preciso solfejar uma canção inteira a quatro vozes pelo prazer de estar cantando em grupo, percebendo a harmonia abraçando a todos; é preciso ouvir mais música, (da mais simples a mais elaborada), e perceber os detalhes, cada um da sua maneira; bater o ritmo de alguma música existente. Tudo isso para que a aula não seja toda feita de conteúdos fragmentados e fora de contexto.

Musicalidade é um conceito extremamente abrangente, multifacetado e subjetivo e que não necessariamente tem relação direta com a disciplina percepção musical. Penso que, talvez, musicalidade seja a maneira muito particular do músico se expressar, que tem a ver com sua história, sua relação com a música, suas habilidades, emoção e, quem sabe até, espiritualidade.

Dados dos alunos entrevistados

1- nome: Gabriel Santiago

idade: 24

curso: Licenciatura habilitação música e Bacharelado em MPB. Atualmente Mestrado em música.

2- nome: Antonia Campello Adnet

idade: 19

curso: Bacharelado em MPB.

3- nome: Maria Inês Adnet

idade: 45

curso: Bacharelado em MPB.

4- nome: Júpter Martins de Abreu Junior

idade: 30

curso: Bacharelado em MPB, Licenciatura e estou fazendo Mestrado.

5- nome: Arthur Bava

idade: 35

curso: Licenciatura em Música.

6- nome: Alessandra Frederick

idade: 28

curso: Licenciatura em Música.

7- nome: Elisa Bondin Ador

idade: 22

curso: Bacharelado em MPB.

8- nome: Themystocles Vieira de Andrade

idade: 33

curso: Licenciatura em Música.

9- nome: Tina Werneck

idade: 36

curso: Licenciatura em música e Bacharelado em viola.

10- nome: Raul D'Oliveira

idade: 29

curso: Comecei na Licenciatura e me transferi para Bacharelado em Contrabaixo.

Bibliografía

- KINGSBURY, Henry. “Music, Talent and Performance” – A Conservatory Cultural System. Philadelphia, Temple University Press, 1988.

- GAINZA, Violeta Hemsy de. “Ocho Estudios de Psicopedagogía Musical” – Editorial Paidós. Buenos Aires – Barcelona, 1982.